

Fluxo de caixa positivo favorece novas expansões

Menos afetado pela concorrência internacional, o setor deve atrair mais investidores estrangeiros, aproveitando o bom momento da economia

por **Leonor Bueno**

Sustentados pela robustez do mercado interno e fortalecidos por aquisições e novos empreendimentos – principalmente nos segmentos de telecomunicações, saúde e energia –, os grandes grupos do setor de serviços registraram em 2010 um aumento de 10,5% na receita bruta total, atingindo a cifra de R\$ 487.032,4 milhões. Apesar de lucrarem menos 4,7% do que em 2009, o resultado líquido de R\$ 37.349,9 milhões serviu para reforçar o caixa das empresas. Executivos do setor ressaltam que têm combustível para manter o processo de expansão dos investimentos e os especialistas concordam que o fluxo de caixa se mantém alto e o nível de endividamento dos grandes grupos do setor, por outro lado, é baixo, viabilizando o acesso aos mercados e a linhas de financiamento, com taxas adequadas.

Dos quatro setores analisados por **Valor Grandes Grupos**, o de serviços é o que mais engordou o time de empresas – foram cinco a mais do que no exercício anterior. Foi o único setor em que a rentabilidade do patrimônio líquido recuou de fato – com queda de 1,9 ponto em relação a 2009. A explicação, na opinião de economistas, está na própria configuração, que reúne muitas concessionárias privadas de serviços públicos. “Os preços regulados restringem as margens de lucro, mas os contratos de longo prazo minimizam os riscos dos investimentos”, comenta Roberto Brandão, pesquisador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico (Gesel), da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O setor de serviços, por outro lado, não sofre com a concorrência externa mais acirrada nos momentos de crise internacional, como pondera o professor Rogério Mori, da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Por isso, e também pelos bons fundamentos da economia brasileira, a tendência, segundo ele, é de que investidores estrangeiros aumentem a presença nesse segmento da economia no Brasil. Ele avalia que o setor de serviços deverá manter a base de clientes, que foi ampliada com o crescimento substancial da classe média no país, nos últimos anos.

A forte expansão da economia brasileira e da massa salarial, em 2010 e na primeira metade deste ano, deve sustentar o desempenho dos grupos de serviços,

segundo o economista Sílvio Sales, do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas. Entretanto, a confiança dos empresários em geral recuou um pouco nos últimos meses de acordo com o Índice de Confiança de Serviços (ICS), mas continua com um patamar elevado principalmente no segmento de consumo familiar e acima dos níveis verificados em 2009, quando o país também sentia os efeitos da crise internacional. Não é à toa, portanto, que na apresentação dos resultados do terceiro trimestre de 2011 o presidente da CPFL Energia, Wilson Ferreira, tenha registrado o acompanhamento das expectativas de consumo de eletroeletrônicos no país, que continuam elevadas, conforme pesquisas.

SÍNTESE

Evolução dos indicadores dos grupos de serviços

	2010	2009	Var.%
Receita bruta (R\$ milhões)	487 032,4	440 700,2	10,5
Patrimônio líquido (R\$ milhões) ¹	317 019,3	285 537,8	11,0
Resultado líquido (R\$ milhões) ¹	37 349,9	39 175,8	-4,7
Rentabilidade do PL (% do PL) ¹	11,8	13,7	-
Número de empregados ²	732 121	651 577	12,4
Quantidade de grupos ³	59	54	9,3

Fonte: Valor Grandes Grupos. Elaboração: Valor Data.

¹ 57 grupos com dados disponíveis nos dois anos. ² 50 grupos com dados disponíveis nos dois anos.

³ Comparação do número de integrantes do ranking atual com o da edição anterior. No caso das demais comparações, consideram-se apenas os grupos constantes do ranking atual.





DIVULGAÇÃO

Lindner, da TIM: recursos para avançar no fortalecimento da infraestrutura da rede

Mesmo o enxugamento da liquidez internacional não chega a gerar preocupação maior. Em meio ao agravamento da crise europeia, a Eletrobras e a Oi encontraram brechas para acessar o mercado externo, entre outubro e novembro de 2011. A estatal de energia captou US\$ 1,75 bilhão com prazo de dez anos e juros de 5,75% ao ano, na maior operação já feita pela empresa no mercado de bônus, enquanto a operadora de telefonia contratou um empréstimo sindicalizado com nove bancos estrangeiros em uma linha "standby revolving facility", que coloca US\$ 1 bilhão à disposição da companhia pelos próximos cinco anos, ao custo da Libor mais 0,9% ao ano.

"O mercado internacional deve continuar dando espaço para os grandes grupos brasileiros", afirma Carlos Firetti, analista de bancos e investimentos do Bradesco. Ele comenta que também há recursos disponibilizados pelo BNDES para os investimentos de infraestrutura, que ganham ênfase ainda com os eventos esportivos da Copa e da Olimpíada – mais uma garantia de impulso para segmentos ligados a serviços no país.

Outros grupos já estão com financiamento fechado para 2012, como nos projetos das duas hidrelétricas no Rio Madeira, que contam com participações de subsidiárias da Eletrobras, da Andrade Gutierrez, da Cemig e da GDF Suez, entre outros, e são financiados pelo BNDES. A TIM Participações fechou um empréstimo

no valor de R\$ 200 milhões com o Banco Europeu de Investimentos (EIB). Os recursos serão direcionados para a TIM Celular, subsidiária integral da companhia. O objetivo da operadora, segundo Lorenzo Lindner, diretor nacional de vendas, é fortalecer a infraestrutura.

Libano Barroso, presidente da TAM Linhas Aéreas, revela que a companhia também já contratou financiamento e garantias de crédito com organismos internacionais como o Eximbank dos EUA e a francesa Coface, para ampliação e renovação de frota no próximo ano (quatro novas aeronaves Boeing 777 e 13 Airbus para renovação). "Estamos com nosso plano de investimento equacionado para 2012 e liquidez suficiente para honrar os compromissos", destaca. Com a desaceleração da economia mundial, a TAM vem reestruturando suas rotas desde meados deste ano, deslocando aeronaves de voos da Europa para América Latina e EUA.

No mercado doméstico, a companhia espera crescer de 8% a 10% – abaixo da média de 15% dos últimos anos. O plano é aumentar o número de assentos em 4% em 2012 e substituir algumas aeronaves A 340 por A 330, que consomem menos combustível. "O objetivo é continuar ampliando a taxa de ocupação dos voos para melhorar a rentabilidade da operação."

Entre previsões de desaceleração ou de queda da economia mundial em 2012, os grupos focam mesmo é no dinamismo da demanda interna e na consolidação

das sinergias capturadas com aquisições, como, por exemplo, as compras do controle da Vivo pela Telefônica, da Intelig pela TIM ou da Medial pela Amil, que já se refletiram nos resultados desses grupos em 2010 – com a Amil, inclusive, ganhando posições no ranking e, pela primeira vez, aparecendo entre os 20 maiores do setor.

Mesmo a Telefônica, líder dos grandes grupos de serviços no ranking do Valor, cuja matriz na Espanha anunciou que vai vender ativos na Alemanha, México e República Tcheca, não prevê alteração no plano de investimentos de R\$ 24,3 bilhões no país durante o período 2011-2014, segundo o presidente do grupo no Brasil, Antônio Carlos Valente. Segundo ele, o Brasil já é o país onde a Telefonica possui o maior número de clientes – 82,4 milhões, entre telefonia e banda larga fixas e móveis. "Com o aumento da demanda de serviços de voz e banda larga por clientes das classes C e D, a tendência é o país se firmar como o principal mercado para a Telefonica no mundo", afirma. Em 2010, a participação do país nas receitas líquidas do grupo espanhol (com o faturamento da Vivo em parte do ano) cresceu de 14,8% para 18,3%. No terceiro trimestre de 2011, já incorporadas as receitas da Vivo em todos os meses de 2011, o Brasil respondeu por 27,5% das receitas líquidas globais do grupo, informa Valente.

A aguardada abertura para que as operadoras de telefonia possam controlar empresas de TV por assinatura e oferecer o serviço em seus pacotes convergentes também anima os grandes grupos do setor. A Embratel e a Claro, junto com a NET – empresas ligadas à America Movil, do empresário mexicano Carlos Slim –, anunciaram em outubro a integração de suas redes e o lançamento de pacotes de telefonia fixa e móvel e de TV por assinatura. A Embratel já anunciou o interesse em assumir o controle da NET, na qual detém 49% com a opção de compra do controle que hoje é das Organizações Globo.

Movimentos de consolidação também devem continuar fortalecendo os grandes grupos do setor da área de energia elétrica. Cemig e Eletrobras estão entre os quatro grupos selecionados pelo governo português, em novembro, no processo de venda da estatal EDP – Energias de Portugal.